



## **SOB PROLIFERAÇÕES: MOLÉCULAS PROVISÓRIAS E OUTROS VOLUMES**

### ***UNDER PROLIFERATIONS: PROVISIONAL MOLECULES AND OTHER VOLUMES***

Claudio Moreira Pereira Júnior<sup>i</sup>  
PPGAV/UDESC

#### **RESUMO**

O presente texto investiga as relações entre as obras de Robert Barry e a série de proposições “Moléculas Provisórias”, espécies de desenhos sonoros não-cocleares que venho desdobrando desde 2022. Entre os limites da visibilidade e da escuta, as possibilidades fabulatórias da enunciação e partituras expandidas (*open scores*) investiga-se como Barry e as Moléculas Provisórias desencadeiam modos de criação que se fazem à partir de sistemas que estão em retroalimentação com o mundo, como amplificações de seus atravessamentos. Ao decorrer do texto são tramados diálogos com a noção de “arte sonora não-côclear” de Seth Kim-Cohen, “palavra-partitura” de Raquel Stolf e apontamentos de Lucy Lippard à partir das obras de Robert Barry.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

Palavra. Escuta. Arte Conceitual. Desenho sonoro. Partitura expandida.

#### **ABSTRACT**

*This text investigates the relationships between Robert Barry's works and the series of propositions “Provisional Molecules”, types of non-cochlear sound drawings that I have been unfolding since 2022. Between the limits of visibility and listening, the fabulatory possibilities of enunciation and open scores investigates how Barry and the Provisional Molecules trigger modes of creation that are made from systems that are in feedback with the world, as amplifications of their crossings. Throughout the text, dialogues are plotted with the notion of “non-cochlear sonic art” by Seth Kim-Cohen, “word-score” by Raquel Stolf and notes by Lucy Lippard based on the works of Robert Barry.*

#### **KEYWORDS**

*Word. Listening. Conceptual Art. Sound drawing. Open score.*



## 1. de um volume (des)medido a uma expansão indefinida

As primeiras obras de Robert Barry são visivelmente quase imperceptíveis, em que o artista prende um fio de nylon entre dois prédios a 8 metros de altura, por exemplo. Os fios constituíam o ponto máximo que a matéria sólida poderia atingir na esfera da transparência.

Na sequência, Barry substitui o fio visível por gás, como na série *Gás Inert* de 1969. O signo material da obra vira um conceito, testando os limites da materialidade, utilizando materiais como xenônio, neônio e hélio. Gases que seriam utilizados comercialmente se o artista não tivesse recuperado eles e os retornado para seus ambientes. No texto para hélio, lê-se: “Em algum momento da manhã de 4 de março de 1969, meio metro cúbico de hélio será lançado pela atmosfera”. O evento foi documentado em uma fotografia da ação e apresentado com um texto.

Gases quimicamente inertes não se misturam com nenhum outro material, nem com eles mesmos – de modo que realmente nunca mudam, as moléculas se expandem constantemente, criando um volume cada vez maior até serem completamente absorvidos de volta para a atmosfera. Sendo um processo que ninguém consegue visualizar. Tais gases eram completamente desconhecidos até 100 anos atrás, não sabíamos que eles existiam, ainda que inalados e respirados por nós; vivem pelo nosso entorno e os atravessamos a todo instante.

A responsável por toda a operação de documentação fotográfica realizada pelo artista tratou-se da luz. Caberia dizer que a luz é uma energia que se desloca em ondas e se move através do ar ou da água, viajando no vácuo à 299.792.458 m/s, constituindo o elemento, concretamente, mais rápido do universo. O suporte fotográfico é submetido à luz e então imprime o real que vem ali depositar.



Robert Barry, *Gas Inert Series/ Helium, Neon, Argon, Krypton, Xenon/From a Measured Volume to Indefinite Expansion*, 1969. Fonte: <https://on-air.caricomassimo.org/en/airchive/inert-gas-series>



Enquanto a fotografia sinaliza uma presença, torna algo presente, as obras de Barry sinalizam uma ausência, forças invisíveis, apresentando lugares que efetivaram uma dispersão/difusão/dissolução de gás inerte; nós entendemos, vemos tudo menos a obra, que apresenta-se como uma ação documentada através da fotografia e texto. O visível extrapassa o que vimos, havendo coisas que não apreendemos, mas que ainda pertencem ao real. A dispersão não é matéria, é estado; seja um estado de desatenção e/ou de separação de organismos em distintas direções.

Outros trabalhos em texto de Barry, em sua maioria colocados/desenhados na parede, impressos em cartões, etc. De algum modo também sinalizam aquilo que escapa e nos atravessa, por meio de proposições que se direcionam às proximidades excedidas, como em:

Todas as coisas que  
eu sei mas nas quais  
eu não penso  
neste momento.  
13 h 30, 15 junho 1969  
(trad. nossa)

Algo que não pode ser retido por alguém, tanto por nós quanto pelo artista, mas que se firma como existente. Há uma perseguição de Barry pelos entrelaçamentos da matéria/energia com o entorno/espço e por situações que nosso aparato ocular de tradução/leitura é incapaz de acessar, como nos pontos-limites retinianos em *One*

*Billion Dots*, 1968/2008, bem como os flertes do artista pela questão da telepatia, pela crítica institucional e a relação direta com o objeto de arte em *During the exhibition the gallery will be closed*, 1969, pensamentos esquecidos, qualidades em geral não específicas que definem condições indefinidas, etc. Em torno da relação de Barry e suas proposições, Lucy Lippard sinaliza em um texto de 1972 sobre uma exposição dele no *Yvon Lambert*:

Barry não trabalha com palavras; comunica condições. Sua obra mais recente indica que entre arte e vida há uma junção mais que uma separação, no sentido de tentar definir (novamente dando voltas ao redor de algo) o papel do artista no mundo, não de um ponto de vista social (ainda que isto insinue um impacto social), mas sim do artista como um propositor de arte mais do que como uma pessoa. Talvez a pergunta mais importante das muitas propostas da obra de Barry seja: O artista tem uma função no mundo, e por isso deve mudá-lo? Ou é só um questionador que impõe regras sobre a capacidade estética dos outros, e sem ele o mundo seria um lugar diferente? (Lippard, 1974, trad. nossa).

## 2. sob proliferações

Utilizando da escuta como ferramenta conceitual na arte contemporânea, as moléculas provisórias são desenhos sonoros não-cocleares que venho propondo desde 2022, tratando-se de trabalhos que operam como espécies de peças gráficas,



investigando as possibilidades sônicas por vias não-cocleares, apresentados no formato de uma partitura expandida (*open score*) e, portanto, em aberto. As moléculas provisórias indicam coordenadas para escutas imaginadas, sons possíveis/impossíveis, que podem ser escutados/executados através do ler/ver e, ainda, se desdobrar em outros objetos/objetos-texto/sonorizações espaciais/danças/etc. Proliferando outros sistemas, agenciamentos e situações que se firmam em uma relação retroativa, que provocam/convocam com-posições fabulatórias.

A arte sônica não-coclear aborda o som como uma construção conceitual e contextual. Podendo funcionar de forma semelhante ao som sem especificamente referenciar ou fazer som. Em outros termos, trata-se de posicionar o som como meio, um processo, no qual pode até haver produção de som diretamente, mas apenas como uma desculpa para iniciar outras atividades, mais que um fim em si: mover-se com o que pode o som. Em *In a blink of An Ear*, Seth Kim-Cohen passa pelo filo da prática sônica imaginada como sendo uma espécie de continuação e complementação à noção de Marcel Duchamp de uma arte visual não-retiniana. Valendo-se do som como um meio que aborda ideias para além de ouvir sons diretamente. Com trabalhos que se abrem em múltiplos formatos e examinam o conceitualismo sônico e as propriedades mediadoras/mediadas do som.

Os desenhos sonoros não-cocleares são feitos digitalmente por meio de vetores digitais que, independente da escala, não perdem a qualidade de resolução. Tais vetores digitais, de algum modo, são um tipo de materialidade que não esgarça, gasta, se tratando de algo que possui uma extrema elasticidade adaptativa. Dentro desse escopo, caberia pensar que a imagem digital não é imaterial. Se considerarmos uma noção expandida de materialidade podemos pensar nessas imagens como sistemas que contém agenciamentos internos que se abrem para o fora, que se relacionam com o mundo, criam transformações e efeitos mútuos. Na proposta de gerarem imbricações diversas, desdobramentos com a concretude das coisas.

As moléculas provisórias acompanham uma espécie de guia, contendo uma legenda/notação, nomeado de LEGENDA/YES/NOT-AÇÃO, marcando a possibilidade SIM/NÃO - YES/NOT de serem executadas ou não, podendo serem lidas/vistas enquanto propositoras de situações por meio da abertura dos signos, lançando-os para lugares moventes na escuta/leitura. As palavras do LEGENDA/YES/NOT-AÇÃO podem ser entendidas como, por escuta/via de Raquel Stolf, palavra-partitura, sinalizada enquanto:

Palavra que possui um caráter propositivo, sugerindo possíveis desdobramentos para fora ou nas bordas de um texto. Tais desdobramentos podem ocorrer a partir da relação entre um texto escrito e sua “extensão” sonora e/ou acústica, solicitando sempre um “leitor-ouvinte”, que poderá ou não relacioná-los, “executá-los”, “interpretá-los” ou desdobrá-los conforme a proposta apresentada. (Stolf, 2011, p. 218).



Moléculas provisórias podem gerar outras moléculas provisórias, através de deslocamentos/arrastamentos de vetores que ganham um corpo composto por códigos gráficos, ou através de suas possibilidades de tradução e execução. Por meio de uma escuta provocada retroativamente na leitura, os desenhos são um meio que podem ser executados pelo corpo, na leitura (podendo-se imaginar sons. Onde, afinal, estão os sons? Como escutar esses desenhos?) e, ainda, traduzida/desdobrada espacialmente em objetos/objetos-texto/sonorizações/ danças/etc.

Toda partitura expandida imprime uma execução em aberto. Átomos são constantemente estremecidos por uma força virtual. E de que força virtual trata-se? Da capacidade das coisas de agirem enquanto forças portadoras de trajetórias e tendências próprias, de alianças. De sistemas que possam afetar, que se afetam e constituem seus rastejos nessa retroalimentação, como uma produção elíptica, que não opera de modo progressivo e enfatiza, justamente, aquilo que é da ordem do molecular. Aquilo pode abalar as linhas segmentarizadas que formam o mundo. Como desmontar as formas do mundo? Propor rearranjos moleculares para os regimes de visualidade/enunciação? Campos moleculares vão para além de estímulos da ordem da visualidade, podendo, muitas vezes, se apresentarem como impulsos frustrantes devido à falta de pontes diretas, de contatos espetaculares, enfatizando, muitas vezes, aquilo que é da ordem do menor, que está se movendo, desdobrando, dobrando e proliferando. Moléculas provisórias se avizinham de tais forças menores, sendo de caráter combinatório, infinito e proliferante, na proposta de operar como proposições que flexionam possibilidades de criação que enfatizam alianças que podem destrinchar com-posições.



*oh!*



*bip*

#

[*sussurro*]



papel



pedra

\*

inseto

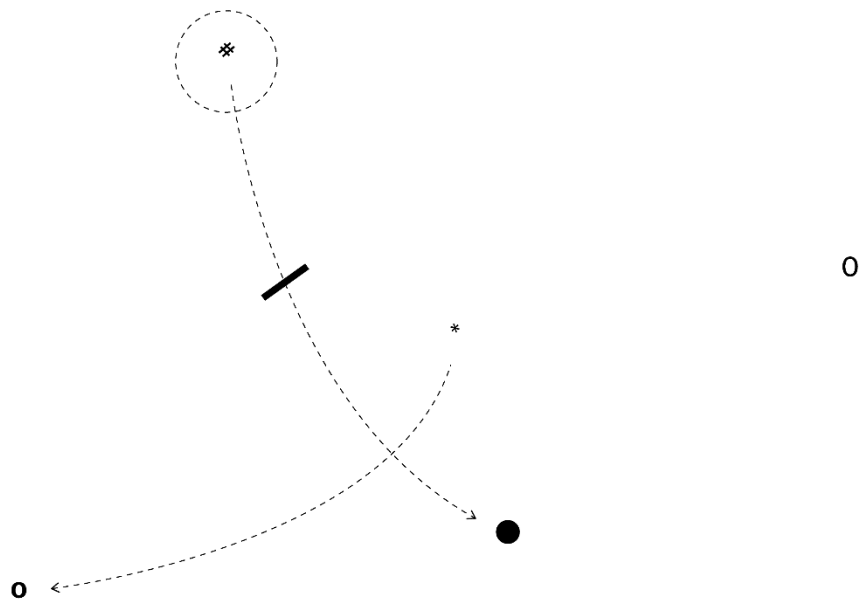


TILT

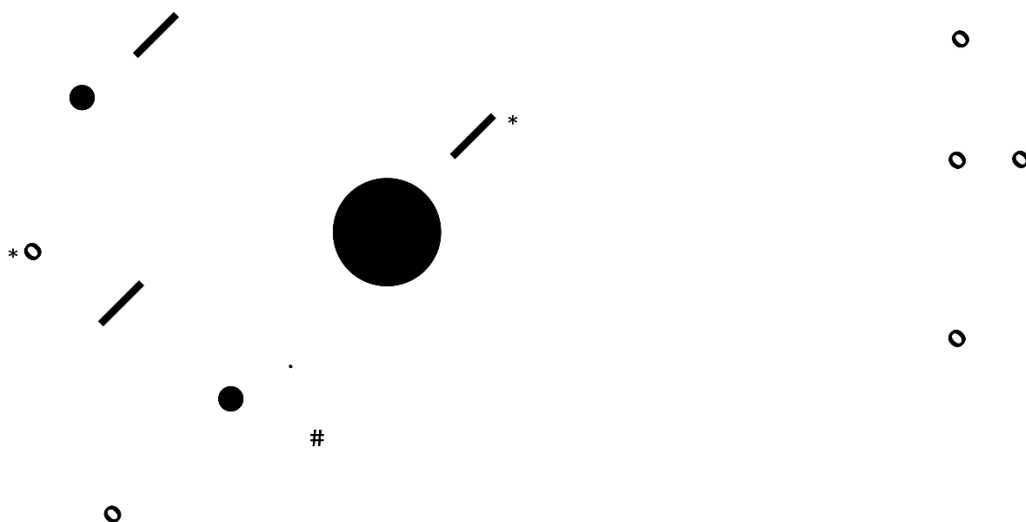


luz

Claudio Moreira, *LEGENDA/YES/NOT-AÇÃO*, 2022. Fonte: acervo pessoal.



Claudio Moreira, *molécula provisória: mini-via/láctea-lenta [0]*, 2022. Fonte: acervo pessoal.



Claudio Moreira, *molécula provisória: zzz (z&n-zero-zoom)*, 2024. Fonte: acervo pessoal



## Referências

KIM-COHEN, Seth. **In the blink of an ear:** Toward a non-cochlear sonic art. A&C Black, 2009.

LIPPARD, Lucy R. **Seis años:** la desmaterialización del objeto artístico de 1966 a 1972. Madrid: Ediciones Akal, 2004.

OSBORNE, Peter. **Conceptual Art.** Phaidon Press, 2002.

STOLF, Maria Raquel da Silva. **Entre a palavra pênsl e a escuta porosa [investigações sob proposições sonoras].** Tese apresentada no programa de pós-graduação em Artes Visuais da UFRGS, 2011.

## Notas

---

<sup>i</sup> Mestrando em Artes Visuais (Processos Artísticos Contemporâneos) pela UDESC. Especialista em Arte-Educação e Docência no Ensino Superior pelo UNIAN/SP (2023) e bacharelado em Artes Visuais pela UDESC (2022). Seus principais temas de interesse são: arte contemporânea, processos artísticos, modos de escrita, arte sonora, proposições e publicações. E-mail: claudwho@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9056-9812>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/0420775665516011>. Florianópolis, Brasil.